

Exame Final Nacional de Português

Prova 639 | 2.ª Fase | Ensino Secundário | 2017

12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

8 Páginas

VERSÃO 2

Indique de forma legível a versão da prova.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Apresente as suas respostas de forma legível.

Ao responder, diferencie corretamente as maiúsculas das minúsculas.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As citações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta. Escreva, na folha de respostas, o grupo, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

Nos termos da lei em vigor, as provas de avaliação externa são obras protegidas pelo Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos. A sua divulgação não suprime os direitos previstos na lei. Assim, é proibida a utilização destas provas, além do determinado na lei ou do permitido pelo IAVE, I.P., sendo expressamente vedada a sua exploração comercial.

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

A

Leia o texto seguinte, constituído pelas estâncias 96 a 99 do Canto VIII de *Os Lusíadas*, bem como a contextualização apresentada. Se necessário, consulte as notas.

Contextualização

Após a chegada a Calecute, os portugueses são recebidos pelo Catual; entretanto, Baco aparece em sonhos a um sacerdote, convencendo-o de que o objetivo dos portugueses era subjugar os indianos. O Catual prende Vasco da Gama e só o liberta a troco de mercadorias trazidas das naus. Finalmente, Vasco da Gama regressa a bordo, onde «estar se deixa, vagaroso».

- Est. 96 Nas naus estar se deixa, vagaroso,
 Até ver o que o tempo lhe descobre;
 Que não se fia já do cobiçoso
 Regedor, corrompido e pouco nobre.
5 Veja agora o juízo curioso
 Quanto no rico, assi como no pobre,
 Pode o vil interesse e sede imiga
 Do dinheiro, que a tudo nos obriga.
- Est. 97 A Polidoro mata o Rei Treício,
10 Só por ficar senhor do grão tesouro;
 Entra, pelo fortíssimo edifício,
 Com a filha de Acriso a chuva d'ouro;
 Pode tanto em Tarpeia avaro vício
 Que, a troco do metal luzente e louro,
15 Entrega aos inimigos a alta torre,
 Do qual quási afogada em pago morre.
- Est. 98 Este rende munidas fortalezas;
 Faz trédoros e falsos os amigos;
 Este a mais nobres faz fazer vilezas,
20 E entrega Capitães aos inimigos;
 Este corrompe virginais purezas,
 Sem temer de honra ou fama alguns perigos;
 Este deprava às vezes as ciências,
 Os juízos cegando e as consciências.
- Est. 99 25 Este interpreta mais que sutilmente
 Os textos; este faz e desfaz leis;
 Este causa os perjúrios entre a gente
 E mil vezes tiranos torna os Reis.
 Até os que só a Deus omnipotente
30 Se dedicam, mil vezes ouvireis
 Que corrompe este encantador, e ilude;
 Mas não sem cor, contudo, de virtude!

Luis de Camões, *Os Lusíadas*, edição de A. J. da Costa Pimpão, 5.^a ed., Lisboa, MNE/IC, 2003, p. 221

NOTAS

- *Acriso* (verso 12) – Rei de Argos que, para impedir o cumprimento da profecia de que seria morto por um neto, prendeu a filha numa torre. Júpiter, porém, sob a forma de chuva de ouro, introduziu-se na torre e tornou-a mãe de Perseu, que veio a assassinar Acriso.
- «*A Polidoro mata o Rei Treício*» (verso 9) – Quando a cidade de Troia estava prestes a cair em poder dos Gregos, o soberano mandou o filho, Polidoro, com uma considerável riqueza em ouro, ao «Rei Treício», para que o protegesse; todavia, este apoderou-se do metal e matou o jovem.
- *cor* (verso 32) – aparência exterior.
- *munidas* (verso 17) – bem fortificadas.
- *perjúrios* (verso 27) – mentiras; juramentos falsos.
- *Regedor* (verso 4) – Catual.
- *Tarpeia* (verso 13) – jovem romana que, na esperança de obter anéis de ouro dos Sabinos, que sitiavam Roma, lhes abriu as portas da cidade. Os inimigos, porém, não a pouparam.
- *trédoros* (verso 18) – traidores.

1. Relacione o conteúdo da estância 97 com a opinião formulada na estância anterior.

2. Releia os versos 17 a 28.

Explicita três dos valores postos em causa pelo poder do «metal luzente e louro» (verso 14). Apresente, para cada um desses valores, uma transcrição pertinente.

3. Interprete o sentido dos versos 29 a 32, enquanto crítica dirigida ao clero.

B

Leia o texto.

- Já que assim o experimentais com tanto dano vosso, importa que daqui por diante sejais mais Repúblicos e zelosos do bem comum, e que este prevaleça contra o apetite particular de cada um, para que não suceda que, assim como hoje vemos a muitos de vós tão diminuídos, vos venhais a consumir de todo. Não vos bastam tantos inimigos de fora e tantos perseguidores tão astutos e pertinazes, quantos são os pescadores, que nem de dia nem de noite deixam de vos pôr em cerco e fazer guerra por tantos modos? Não vedes que contra vós se emalham e entralham as redes; contra vós se tecem as nassas, contra vós se torcem as linhas, contra vós se dobram e farpam os anzóis, contra vós as físgas e os arpões? Não vedes que contra vós até as canas são lanças e as cortiças armas ofensivas? Não vos basta, pois, que tenhais tantos e tão armados inimigos de fora, senão que também vós de vossas portas adentro o haveis de ser mais cruéis, perseguindo-vos com uma guerra mais que civil e comendo-vos uns aos outros? Cesse, cesse já, irmãos peixes, e tenha fim algum dia esta tão perniciosa discórdia; e pois vos chamei e sois irmãos, lembrai-vos das obrigações deste nome. Não estáveis vós muito quietos, muito pacíficos e muito amigos todos, grandes e pequenos, quando vos pregava S. António? Pois continuai assim, e sereis felizes.

Padre António Vieira, *Sermão de Santo António (aos peixes)* e *Sermão da Sexagésima*, edição de Margarida Vieira Mendes, Lisboa, Seara Nova, 1978, pp. 91-92

NOTAS

- *entram* (linha 7) – prendem em malha de rede; enredam.
- *nassas* (linha 7) – sacos de rede em que se recolhe o peixe.
- *Repúblicos* (linha 2) – dedicados à causa pública.

4. Explique o conselho do orador expresso no primeiro período do texto (linhas 1 a 4) e relacione-o com o sentido das interrogações retóricas presentes nas linhas 4 a 12.

5. Justifique a evocação da lenda de Santo António, no contexto em que ocorre (linhas 13 a 15).

GRUPO II

Leia o texto.

Venho a Malaca, que agora se chama Melaka, pela História do meu país. No século XV, o sultanato controlava o comércio do Oriente, o imperador chinês oferecia a filha em casamento ao sultão. Vinte mil navios lançavam âncora no porto, 84 idiomas regateavam preços no cais. «Quem for senhor de Malaca tem a mão na garganta de Veneza», escrevia Tomé Pires, contemporâneo de Afonso de Albuquerque, aludindo à importância de Malaca no controlo da rota das especiarias.

Portugal conquistou a cidade em 1511, perdeu-a em 1641 para a Holanda. Não tenho ilusões sobre os vestígios da presença portuguesa: já passou demasiado tempo. O que os Holandeses e os Ingleses não destruíram, deixámos nós que se diluísse nos séculos de ausência e de desleixo. Antecipo Melaka como um cruzamento da humanidade, uma poção única, uma receita irrepetível. Mas não é assim. Encontro uma anónima e descoordenada cidade oriental, que podia ser qualquer outra cidade do Sudeste Asiático, um quarteirão periférico de Sydney, de São Francisco. Um rio lamacento e abandonado atravessa o centro, fachadas sujas e desmazeladas derretem-se sobre as margens. Do lado de cá, os Chineses; e do outro lado, os Indianos. Os Malaiois estão mais além. Não há confusões. Cada um trata de si, todos se atarefam em conquistar uma vida melhor: um novo eletrodoméstico, um fim de semana em Singapura, a universidade dos filhos, a peregrinação a Meca.

Sob a aparente indolência tropical, as tensões étnicas vão cozendo em fogo lento. De tantos em tantos anos, explodem. Nada é inconsequente em Malaca: a língua, a fé, a cor da pele, a forma de vestir ou a aptidão profissional atribuem um lugar preciso no tabuleiro social. As pessoas carregam a afiliação étnica não apenas como uma identidade, também como um vínculo.

Ponho-me à procura das relíquias da passagem portuguesa. Encontro a porta decrépita de um forte demolido, o esqueleto de uma igreja, uma estátua mutilada de São Francisco Xavier. Faz tudo parte do roteiro turístico de Malaca, juntamente com o passeio de riquexó, a visita ao *shopping*, a quinta dos crocodilos. A réplica da caravela portuguesa que serve de museu da cidade não é, afinal, uma homenagem ao extraordinário feito de armas dos navegadores lusitanos – o de conquistar, com duas dezenas de navios e 1500 homens, um poderoso sultanato de 100 000 habitantes. Depois de sete meses de navegação desde Lisboa.

O museu serve para glorificar as bases religiosas da nação. Dentro, tudo conduz à conclusão de que os sucessivos invasores europeus não teriam conquistado Melaka hoje [...].

Continuo a procurar Portugal em Malaca – na igreja. O catolicismo, a artéria vital da mentalidade do meu povo, é um legado da presença portuguesa no antigo empório dos sete mares. Entro, é a hora da missa. A igreja imita o gótico francês, o padre é chinês, os fiéis são asiáticos, a missa decorre em inglês, as canções transmitem um concentrado de alegria, ritmo e *nonchalance* que seria impensável em Portugal. Não é um legado evidente. Mas uma coisinha pequena começa a agitar-se na alma: o sentimento de identificação com a realidade que me rodeia. Um momento familiar. Uma saudade.

Gonçalo Cadilhe, *Planisfério Pessoal*, Lisboa, Clube do Autor, 2016, pp. 232-233

NOTAS

- *nonchalance* (linha 36) – expressão em francês que significa «despreocupação», «desprendimento».
- *riquexó* (linha 25) – veículo de duas rodas para uma ou duas pessoas, puxado por uma pessoa a pé ou de bicicleta, frequente em cidades do Oriente.

1. Através da afirmação de Tomé Pires, citada no texto (linha 4), pretende-se
 - (A) realçar a diversidade linguística em Malaca.
 - (B) destacar a supremacia comercial de Veneza.
 - (C) confirmar a violência exercida sobre Veneza.
 - (D) provar a relevância económica de Malaca.

2. No segundo parágrafo, o autor
 - (A) realça a singularidade oriental da cidade de Malaca.
 - (B) sublinha o contraste entre o real e o expectável.
 - (C) valoriza o convívio harmonioso entre os habitantes.
 - (D) evidencia a aliança entre universos culturais distintos.

3. As referências a Sydney e a São Francisco (linha 13) têm como objetivo pôr em destaque
 - (A) o estado de degradação da cidade.
 - (B) a composição étnica diversificada.
 - (C) a descaracterização do espaço.
 - (D) o cosmopolitismo de Malaca.

4. Atendendo ao conteúdo do segundo e do terceiro parágrafos, depreende-se que a ocupação espacial distinta dos diferentes grupos populacionais
 - (A) anula a possibilidade de discórdia entre estes.
 - (B) sugere divisões potenciadoras de conflitos.
 - (C) desencadeia o conhecimento intercultural.
 - (D) assegura uma interação pacífica entre todos.

5. De acordo com os três últimos parágrafos do texto, o mais significativo legado português encontrado pelo autor foi
 - (A) a vivência do catolicismo.
 - (B) a réplica de uma caravela.
 - (C) a igreja em estado de ruína.
 - (D) a estátua de São Francisco Xavier.

6. Nas expressões «vão cozendo em fogo lento» (linha 18) e «tabuleiro social» (linha 20), o autor utiliza
- (A) o eufemismo e a metáfora, respetivamente.
 - (B) a metáfora, em ambos os casos.
 - (C) a metáfora e o eufemismo, respetivamente.
 - (D) o eufemismo, em ambos os casos.
7. Os complexos verbais «vão cozendo» (linha 18) e «Continuo a procurar» (linha 32) têm um valor aspetual
- (A) habitual.
 - (B) pontual.
 - (C) durativo.
 - (D) genérico.
8. Identifique o valor da oração iniciada por «que» na linha 1.
9. Classifique a oração sublinhada na frase «Quem for senhor de Malaca tem a mão na garganta de Veneza» (linha 4).
10. Indique a função sintática desempenhada pela oração «para glorificar as bases religiosas da nação» (linha 30).

GRUPO III

Se, para uns, a conquista de uma vida melhor é o principal objetivo, para outros, a luta pelo bem comum sobrepõe-se aos interesses individuais.

Será que estas duas perspetivas se podem conciliar na sociedade atual?

Num texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas palavras, defenda um ponto de vista pessoal sobre a questão apresentada.

Fundamente o seu ponto de vista recorrendo, no mínimo, a dois argumentos e ilustre cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2017/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

FIM

COTAÇÕES

Grupo	Item	
	Cotação (em pontos)	
I	1. a 5.	
	5 × 20 pontos	100
II	1. a 10.	
	10 × 5 pontos	50
III	Item único	
		50
TOTAL		200